

PLANO DE AULA

Tema: Letra “Z”

- Zebelê
- Zeiera

Objetivo:

- verificar o aprendizado dos alunos a respeito do cerrado
- estabelecer a relação entre os elementos da fauna e flora estudados que deveriam estar na maquete.
- trabalhar a questão da percepção do espaço e de proporção dos elementos constituintes de um desenho.



Tempo estimado: 180 minutos

Material necessário:

Materiais colocados à disposição dos alunos:

- Caneta hidrocor
- Cartolina colorida (diversas cores)
- Cola branca
- Cola isopor
- Cotonete de algodão
- Estilete

EVA

Lápis de cor

Palito de churrasco

Palito de dente

Pincel

Placa de isopor

Tinta guache (várias cores)

Desenvolvimento:

- 1) Explicação sobre o Zabelê e a Zeiera
- 2) Cantar a música Passaredo de Chico Buarque
- 3) Brincar com o Jogo de Corrida de Orientação
- 4) Montar a maquete com todos os animais e as plantas do alfabeto do ABCerrado proposto até aqui
- 5) Realizar uma exposição na escola com todas as maquetes para compartilhar com toda a escola os resultados desta aprendizagem, aproveitando a oportunidade para convidar as famílias para ouvir seus filhos.

Avaliação: A partir da maquete, pedir uma auto-avaliação para que os próprios estudantes possam perceber seus avanços ao longo da aprendizagem, tanto cognitivo como afetivo, em relação ao Cerrado.

Você sabia?

Como o bioma Cerrado não recebeu status de “Patrimônio Nacional” concedido para a Mata Atlântica, Amazônia, Pantanal e Sistemas Costeiros na Constituição Brasileira de 1988, a carência de conservação na região evidencia-se pela comparação do esforço conservacionista governamental entre os ecossistemas, que possui cerca de 12% de sua área protegida na forma de unidades de conservação, contra menos de 2% da área do Cerrado que se encontra protegida (WWF, 1995, p. 9). Os principais obstáculos à conservação da biodiversidade do Cerrado podem ser resumidos por vários fatores: insuficiência de conhecimento sobre seus subsistemas e espécies; baixo valor atribuído aos seus recursos biológicos; uso inadequado do solo; exploração dos recursos visando apenas lucro e não benefício das populações locais; pouca divulgação dos resultados de pesquisas realizadas e aplicação dos mesmos na resolução de problemas ambientais; descumprimento da legislação; as instituições responsáveis pela proteção da biodiversidade enfrentam dificuldades organizacionais e financeiras e, ainda, o descaso governamental.

ZABELÊ



Ave brasileira da família da perdiz e da codorna. Vive nas matas existentes desde o Piauí até o Rio Grande do Sul, sendo que no centro e sul do país é mais conhecida pelo nome de jaó.

Não possui cauda, como os demais representantes da família, e o que a distingue é o piado, um assovio que emite ao anoitecer. A coloração geral é escura, com listras brancas transversais. O peito é castanho, a barriga é amarelada, a nuca e o pescoço são avermelhados.

ZEIERA

Nome Popular: bolsinha-de-pastor, chapéu-de-frade, cinco-dedos, arapari, guarapariba, mandioquinha-do-campo, pó-de-mico, tatajupoca.

Ocorrência: Cerrado sentido restrito e Cerrado Ralo

Distribuição: Bahia, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, São Paulo, Tocantins.

Arbusto hermafrodita que frutifica o ano todo. Os frutos e as sementes são usadas no artesanato na montagem das “flores do planalto”, que são comercializadas nas feiras do Distrito Federal. Na medicina popular, é comum o uso da casca do caule em chás como anti-sifilítica e antiblenorrágica. A infusão das raízes é útil nas moléstias epidérmicas. O fruto quando moído libera sílica, e em contato com a pele provoca coceiras, por isso é chamado de pó-de-mico. É uma planta tóxica para o gado e que a sua ingestão pode induzi-lo à morte em 24 horas, por necrose hepática.

As flores são amarelas e são visitadas pelo beija-flor *Colibri serrirostris* (Viellot) que é um polinizador efetivo, aderindo os grãos de pólen à sua cabeça, sendo então, transferidos aos estigmas de outras plantas.

Passaredo
(Chico Buarque)

Ei, pintassilgo
Oi, pintaroxo
Melro, uirapuru
Ai, chega-e-vira
Engole-vento
Saíra, inhambu
Foge asa-branca

Vai, patativa
Tordo, tuju, tuim
Xô, tié-sangue
Xô, tié-fogo
Xô, rouxinol sem fim
Some, coleiro
Anda, trigueiro
Te esconde colibri
Voa, macuco
Voa, viúva
Utiariti
Bico calado
Toma cuidado
Que o homem vem aí
O homem vem aí
O homem vem aí
Ei, quero-quero
Oi, tico-tico
Anum, pardal, chapim
Xô, cotovia
Xô, ave-fria
Xô, pescador-martim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
Voa, bicudo
Voa, sanhaço
Vai, juriti
Bico calado
Muito cuidado
Que o homem vem aí
O homem vem aí
O homem vem a

Jogo Corrida de Orientação:

Objetivo: a) aplicar metodologias baseadas nos princípios da educação ambiental para despertar nos jovens a consciência da preservação do cerrado; b) aulas no ambiente natural do Cerrado próximo da escola ou em alguma reserva ambiental local através de jogos educativos

Buritis, canelas-de-ema, jatobás e outras árvores do cerrado compõem o cenário em que os estudantes praticarão a atividade, chamada de corrida de orientação: na disputa é preciso localizar o máximo de bandeiras possível em meio à vegetação do Cerrado. Para isso, os estudantes precisarão conhecer as principais características do bioma. Na competição, cada grupo usará mapas para encontrar as bandeiras. Eles precisam saber o que é um cupinzeiro, um buriti ou cerrado de campo limpo para conseguirem executar a tarefa. Destacar os nomes populares das plantas e dos animais e não os científicos para fortalecer o vínculo deles com o bioma e não simplesmente passar conteúdo. Cada vez que eles encontrarem uma planta ou animal deverão explicar suas características para os colegas. Ganhará o grupo que conseguir o maior número de bandeiras com suas respectivas explicações. Após o jogo, os estudantes poderão fazer um mapa da área com suas respectivas árvores para mostrar na escola.

Maquete com as plantas e animais do Cerrado

O conhecimento de uma determinada região, tanto nos aspectos geográficos e ambientais quanto nos sociais, torna-se cada vez mais importante à medida que a educação ambiental volta-se para a resolução de problemas locais. Estes problemas devem ser utilizados como temas-geradores da educação ambiental, aproximando os processos educativos à realidade e suscitando uma visão crítica desta realidade e das verdadeiras causas da degradação ambiental. Desta forma, o trabalho com educação ambiental em uma comunidade ou escola necessita de um conhecimento da região em que se está inserido. Uma análise desta realidade se faz necessária, para que possamos desenvolver no público-alvo de nosso trabalho, uma visão crítica que se transforme em base sólida para a mudança de atitudes e mentalidade.

Etapa 1: Definição dos elementos da maquete

Aqui será o momento da revisão sobre tudo que foi aprendido durante o processo de aprendizagem do alfabeto através de plantas e animais do Cerrado. A maquete é interativa e ajuda aos estudantes e outras pessoas possam entender o que está acontecendo com o Cerrado atualmente.

Etapa 2: Realização da maquete

Existem diferentes tipos de maquetes e os alunos devem pesquisar e decidir qual a melhor opção a adotar, considerando-se materiais necessários, tempo disponível, espaço de exibição, complexidade, entre outros aspectos. É importante fazer um levantamento do material necessário, obtê-lo e empregá-lo com esmero para que a maquete seja bem sucedida. O protagonismo juvenil é um ingrediente importantíssimo de cada etapa do trabalho.

Etapa 3: Exposição da maquete

Uma vez finalizada, a maquete pode ser exibida em algum lugar de destaque na escola, valorizando o trabalho realizado e atraindo “curiosos”, sejam eles outros alunos de outras séries ou classes, pais, professores e funcionários da escola.



Alfabetização Ecológica: ABCERRADO





Que a jornada até aqui tenha sido prazerosa e cheia de descobertas para todos, professores, estudantes e suas famílias.

Viva o Cerrado!